

## Apresentação

A terceira edição da *Revista de Comunicação Dialógica (RCD)* está sendo publicada em meio à maior catástrofe humanitária desde a Segunda Guerra Mundial. Mais do que nunca, apontamos para a necessidade de diálogo entre posições extremas: de um lado, a negação do problema, que tem sido responsável por um verdadeiro genocídio em países como o Brasil e os EUA; de outro, o medo exacerbado, paralisante, que se preocupa mais em julgar do que compreender, o qual também tem levado ao adoecimento mental e, conseqüentemente, físico, de milhares de pessoas. Diante desse cenário, o corpo editorial da *RCD* busca um caminho do meio e se solidariza com as perdas de cada indivíduo e família nessa dura jornada.

A recepção e publicação do artigo que abre este terceiro número foi uma das maiores alegrias da *RCD* até agora. Lembro como se fosse hoje o dia em que o companheiro Alex Vargas, então coordenador do recém-criado jornal *Fala Manguinhos!*, me ligou para apresentar o jovem Edilano Cavalcante, da equipe do jornal, que estaria interessado em acompanhar as filmagens para o documentário *Mídia em Movimento*. Ele chegou a participar de uma ou outra filmagem, nossa parceria com o jornal durou mais algum tempo, e nunca mais ouvi falar de Edilano, até que nos encontramos no final de 2019, num debate sobre comunicação comunitária na UFRJ, onde falei sobre o projeto da *RCD*. Que surpresa boa receber, alguns meses depois, a monografia de graduação em Comunicação Social, com habilitação em cinema e audiovisual, defendida recentemente por um Edilano hoje formado e atuando como coordenador do jornal *Fala Manguinhos!*. Sinto que nós, cada um ao seu modo e com suas respectivas experiências, crescemos juntos; e espero que possamos seguir nos encontrando pelas vielas cariocas, entregando jornais, exibindo filmes e criando novas representações sociais.

O artigo “Olhar ‘nativo’ e ‘estrangeiro’: uma breve análise do cinema no Complexo do Alemão”, que foi baseado na monografia de Edilano, nos traz ao atualíssimo debate sobre representação no audiovisual. Partindo de uma breve retrospectiva do modo como as favelas vêm sendo representadas na mídia de forma geral e, especificamente, no cinema, o autor compara duas realizações cinematográficas a partir das categorias “olhar nativo” e “olhar estrangeiro”. Por meio de uma análise minuciosa do modo como as duas obras são financiadas, produzidas, dirigidas, narradas e esteticamente construídas, sem deixar de apontar para os efeitos políticos dessas representações, o autor revela os potenciais de uma geração que cada vez mais percebe a necessidade de criar suas próprias representações dos meios nos quais vivem. E, além disso, revela também a potência que os encontros entre os “nativos” e os “estrangeiros” pode ter para a transformação da cidade. Parabéns, Edilano! Parabéns, Raízes

em Movimento, pelo belo trabalho de audiovisual que é apresentado nesse texto! Uma honra receber e publicar esse material.

O artigo “Pesquisa participante e comunicação dialógica: a experiência com as comunidades ciganas da Espanha”, de Gabriela Marques Gonçalves, nos aproxima de um grupo étnico sobre o qual produzimos poucos conhecimentos no Brasil: os ciganos. A autora traz informações sobre a história e as perseguições sofridas pelos ciganos em alguns países da Europa, especialmente na Espanha, deslocando-nos para esse distante universo. O foco do artigo são as reflexões metodológicas relacionadas à pesquisa qualitativa. Ao revelar as dificuldades para a pesquisa com esses grupos – explicadas pelas condições sociais às quais estiveram historicamente submetidos – e mostrar como conseguiu superá-las, a autora nos oferece dicas importantes para esse tipo de pesquisa.

Rita Couto e Cristie Campello, no artigo “Nietzsche e o ensino-aprendizado de filosofia: a necessidade do encontro para a comunicação dialógica”, constroem uma ponte entre a filosofia e a comunicação, tendo como alicerces a ideia de dialogia e o pensamento de Friedrich Nietzsche. As autoras mostram os limites da educação à distância, à qual estão obrigadas a submeter o ensino de filosofia pelo contexto de pandemia. Segundo elas, tais limitações e, fundamentalmente, a impossibilidade do encontro, inviabilizam o reconhecimento da diversidade pelos alunos, base para a constituição da dúvida, da curiosidade, da criação e da autossuperação. Em outras palavras, seguindo os pressupostos do filósofo alemão, mostram que sem a possibilidade de diálogo no ensino-aprendizagem não há filosofia. Pois, assim como a comunicação, a filosofia necessita do encontro e da troca entre corpos/mentes para efetivar-se em sua plenitude.

Apesar do isolamento social por causa da pandemia da Covid-19, uma onda de manifestações contra o racismo, após o sufocamento do afro-americano George Floyd, extrapolou o mundo virtual e ganhou as ruas em junho deste ano, um mês antes da publicação desta edição da *RCD*. O assassinato de George Floyd e o do jovem brasileiro João Pedro Mattos, em uma comunidade em Niterói (RJ), serviram de combustível para que Pablo Nabarrete Bastos revisitasse as pesquisas da sua dissertação de Mestrado sobre a comunidade negra e periférica de São Paulo que encontrou no Hip Hop um meio de se expressar. Seu artigo “Contribuições históricas do Movimento Hip Hop para a luta contra o racismo e para a comunicação da juventude negra e periférica” apresenta entrevistas com líderes dos Movimentos Negros e do Movimento Hip Hop, aqui transcritas parcialmente, que são um convite para refletirmos a construção de uma identidade étnico-racial em um mundo dominado pelo etnocentrismo branco. Neste período atual, em que um vírus limita o ir e vir das pessoas, independentemente

de raça, idade e ideologia, é importante destacarmos que uma parcela da população sempre foi privada de seu direito de ir e vir e se manifestar livremente em espaços fora de seus “guetos”.

Ainda na esteira de pensar os direitos humanos e aparatos ideológicos, o papel da formação e do docente para que se construa uma comunicação não excludente é tema central do artigo “Comunicação dialógica e direitos ‘quase humanos’”, de Luciene de Oliveira Dias. A partir do termo “quase humanos”, cunhado pelo líder indígena, ambientalista e escritor brasileiro Ailton Krenak, a autora desvela o abismo que há entre os preceitos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e da Constituição Federal brasileira e a realidade de classes não privilegiadas. No entanto, em vez de ficar apenas no campo teórico, ela leva a sério a máxima de que “o exemplo ensina”, e sua experiência pedagógica com uma turma universitária de calouros do curso de Jornalismo nos mostra que a comunicação dialógica é capaz de criar cidadãos livres e jornalistas com senso crítico. Que sua pesquisa e seu exemplo sirvam de inspiração a docentes e comunicadores para que alcancemos uma comunicação mais humana e humanizadora.

Em uma contribuição internacional de um pesquisador tcheco e uma pesquisadora turca, trazemos à tona a relação entre democracia e discurso – um tema em voga não apenas no contexto do artigo, que discute os conflitos no Chipre em 1974, mas também em todo o mundo, inclusive hoje no Brasil. Os autores Nico Carpentier e D. Beybin Kejanlioğlu abordam a construção dos conceitos de guerra e paz a partir de livros publicados por três oficiais que lutaram na Guerra do Chipre e do debate público que se formou em torno das obras. O artigo “The Militarization of a Public Debate” [A militarização de um debate público] aponta que somente articulações de discursos de paz – cujos estudos acadêmicos são relativamente recentes, com apenas seis décadas – podem agir como contravoz ao potencial que os discursos de guerra têm no fortalecimento de regimes não democráticos e na exclusão do indivíduo na formação da democracia.

No relato de experiência desta edição “A pluralidade na cobertura jornalística no interior de São Paulo: a experiência do *Jornal Dois* com a mídia radical de Bauru”, os autores Ana Carolina Santos, Lorenzo Santiago e Lucas Mendes têm o grande mérito de contextualizar não apenas o jornal no cenário da comunicação da cidade, mas também a cidade no contexto de desenvolvimento do país. Tudo isso nos desloca dos grandes centros para o nosso interior, onde iniciativas ricas como essa se mostram presentes e significativas a nível local, sem que muitas vezes sejam reveladas para um público mais amplo. É um grande orgulho para a *RCD* constituir-se um canal de diálogo entre as mais diversas realidades comunicacionais brasileiras.

Assim como Paulo Freire nos fez refletir sobre a categoria “Extensão”, o texto de Gisele Mota nos obriga a repensar a categoria “Entrevista”. Tradicional instrumento de coleta de dados nos meios científicos, a entrevista pressupõe alguém que pergunta e outro alguém que responde, ou seja, alguém que pede informações e alguém que as revela (ou as esconde!). No texto “Linguagens da favela: diálogo com um Incomodado Social”, em vez de uma entrevista, Gisele nos brinda com um diálogo, uma conversa, uma troca não só de informações, mas também de expressões, de impressões, de experiências, de afeto e de conhecimentos sobre contextos. Seguindo os passos de Bakhtin, os interlocutores mostram como a leitura do contexto é fundamental no processo comunicacional e como uma mesma coisa em diferentes contextos pode ter significados distintos. A autora mostra também a importância de conhecer previamente um pouco do universo e da linguagem do outro para aprofundar o diálogo. A confiança necessária para essa profundidade só é possível a partir do reconhecimento mútuo de pontos de identificação entre os interlocutores. Viva o diálogo aberto, a troca, a dialogia! A partir dessa “entrevista”, essa seção da *RCD* passará a se chamar “Diálogos”.

Em “Gênero sob ataque: resistências emergentes”, Camila Santos Pereira e Anamaria Ladeira Pereira nos levam a refletir sobre o discurso moralista de grupos conservadores e religiosos acerca das questões de gênero, especialmente em países latino-americanos. O trabalho é uma resenha sobre o documentário peruano *Gênero sob Ataque* (2018), que expõe e denuncia estratégias políticas aliadas a interesses econômicos e religiosos em Costa Rica, Peru, Colômbia e Brasil. Uma das estratégias elucidadas pelo documentário é o emprego da expressão “ideologia de gênero”, usada de forma pejorativa por grupos conservadores e religiosos para demonizar, por meio de um discurso de ódio falacioso, debates necessários sobre diversidade sexual e identidade de gênero.

Para finalizar o terceiro número da *Revista*, Milene Couto apresenta uma resenha sobre o livro *No contágio* (2020), de Paolo Giordano, trazendo uma crítica sobre as reflexões surgidas a partir da pandemia da Covid-19. A resenha “O contágio como revelação da necessidade de humanização dos homens” reflete, especialmente, sobre a relação do homem com os outros seres vivos, assim como a dos homens entre si, procurando mostrar os danos causados pelos desequilíbrios nessas relações. A autora aponta para os benefícios da comunicação dialógica a fim de compreender esses problemas e, para tal, associa-se a referências renomadas de diferentes áreas de conhecimento, como Mikhail Bakhtin, Yuval Noah Harari, Paulo Freire, Raquel Paiva, entre outros.

Assim, é com grande alegria que publicamos este terceiro número da *Revista de Comunicação Dialógica*, que pela primeira vez contempla todas as modalidades de publicação:

artigo, relato de experiência, entrevista e resenhas, de filme e de livro. Durante a edição deste número, travamos um proveitoso debate com o nosso conselho editorial para avaliar os primeiros passos da *Revista* e verificar se estávamos no caminho certo ou se havia a necessidade de mudar de rumos. A dúvida fundamental era se mantínhamos o padrão inicial de exigência de doutorado para a maioria das publicações ou se abriríamos mão dessa exigência em busca de um volume maior de textos. Decidimos, por enquanto, afirmar a proposta inicial, mantendo um padrão de qualidade dos textos, estimulando a procura dos principais pesquisadores da área por este periódico. No entanto, seguimos abertos também aos não doutores, seja numa cota restrita de artigos, seja nas outras seções da *RCD*, em que não há a exigência de formação.